

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 2, NÚMERO 3, JUL-DEZ/2013

ISSN 2238-9083 (VERSÃO IMPRESSA)

ISSN 2316-6010 (VERSÃO ONLINE)

SIG Revista de Psicanálise é uma publicação semestral da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e tem como objetivo publicar artigos teóricos e teórico-clínicos, resenhas e entrevistas no campo psicanalítico.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem a SIG Revista de Psicanálise.

A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outra utilidade, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do editor. Reproduções parciais de artigos (resumo, abstract, mais de 500 palavras do texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão por escrito do editor e dos autores.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise>

Versão online da revista em: www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise

Tiragem: 200 exemplares | Impressão: dezembro de 2013

S574 Sig: revista de psicanálise. – Vol. 1, n. 3 (jul-dez. 2013) - . –
Porto Alegre : Sigmund Freud Associação Psicanalítica,
2013- . . v. ; 30 cm.

Semestral.

Editor: Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. 2. Teoria psicanalítica -
Periódicos. 3. Cultura - Periódicos. 4. Filosofia - Periódicos.
II. Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático: 1. Psicanálise 159.964.2

Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507

A PSICOLOGIZAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR DESAFIA A INTERLOCUÇÃO NECESSÁRIA ENTRE A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO

THE PSYCHOLOGIZATION OF EVERYDAY SCHOOL CHALLENGES THE NECESSARY DIALOGUE BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION

ENTREVISTA COM DR. LEANDRO DE LAJONQUIÈRE¹

*Lajonquière apoia-se na leitura freudiana para sustentar a psicanálise como um vetor indispensável para a reflexão sobre os fundamentos da educação. Na compreensão de nosso entrevistado, uma das marcas na modernidade é o cotidiano estar tensionado em **direção ao futuro** e não mais organizado a partir de uma referência ao passado. Em suas respostas abre-se o debate.*

SIG - A PSICANÁLISE, DESDE QUE ADENTRA O TERRITÓRIO CIENTÍFICO, PROVOCA ACIRRADOS DEBATES, MAS O RIGOR DE SEU CORPO TEÓRICO ASSEGURA SUA VIGÊNCIA. NO ENTANTO, A PROPAGADA CRISE É INFINDÁVEL, O QUE NOS PERMITE QUESTIONAR QUAL É O PROBLEMA DA PSICANÁLISE, ELE ESTÁ ENTRE OS PSICANALISTAS?

Lajonquière - A polêmica é tão velha quanto à própria psicanálise. Nem há um século, tampouco hoje em dia, a psicanálise responde ao ideário dito científico, mas também – e paradoxalmente – ela tanto emerge quanto continua sendo possível no interior do campo das ciências. Lembremos que Freud, ao tempo que diz ser a psicanálise um caso particular do trabalho de ciência, ela é refratária à religião e à filosofia, pois diferente destas, não constitui uma cosmovisão, ou seja, a uma visão fechada do mundo. O mundo ou a vida humana – se preferirmos – é, para Freud, aberta. E – ironia do destino – podemos ainda dizer que a vida humana é tão aberta pela via do significante quanto o universo de Karl Popper – o filósofo inglês que detestava a psicanálise, pois ela não seria refutável como toda ciência que se preze tal. Creio que essa tese freudiana continua vigente.

Não há dúvidas que as religiões, ainda hoje, como na época de Freud, constituem uma cosmovisão. Freud falava da religião no singular. Talvez por que todas as religiões são isso mesmo: religião. Ou, talvez, porque Freud costumava se referir à religião Católica, mais ainda, à Igreja – lembremos *Psicologia das massas e análise do ego*. Mas duas coisas são certas, por um lado, Freud, mesmo tendo se reconhecido judeu, declarou-se ateu, instalando-se assim num lugar paradoxal – talvez não sem consequências se considerarmos a invenção da psicanálise – quanto aberrante para não poucos espíritos judaicos na época. Portanto, a religião judaica acaba fazendo causa comum com a Católica quando de visão de mundo se trata.

Por outro lado, o Islã, embora ignorado por Freud, não é nada difícil de integrá-lo junto às outras duas cosmovisões monoteístas. Em suma, aí, onde a

¹Psicanalista. Professor titular da USP. Membro da Associação Analyse Freudienne, Paris. Livros: *De Piaget à Freud: para repensar as aprendizagens* (1993); *Infância e Ilusão (psico)Pedagógica* (1999); *Figuras do Infantil. A psicanálise na vida cotidiana com as crianças* (2010).

religião fecha o horizonte da vida, a psicanálise, ao contrário, o expande uma e outra vez. Já no que tange à filosofia – embora seja abusivo colocarmos todos os filósofos num mesmo saco, pensemos, por exemplo, as ressonâncias entre Freud e Nietzsche – ela não é hoje em dia mais a mesma que na época de Freud, dentre outras razões até por conta da irrupção no cenário intelectual da própria psicanálise. Nesse sentido, hoje deveríamos modalizar a afirmação freudiana no que diz respeito ao filosofar, embora, é claro, nunca ele seja equivalente ao psicanalisar. Finalmente, retomemos à questão do lugar da psicanálise no campo do fazer científico moderno. Tanto ontem como hoje, a psicanálise situa-se do lado do trabalho de ciência, isto é, de um pensar laico e iluminista. No entanto, retrataria ao cientificismo de época ou, se preferirmos, resgatando um termo althusseriano, à ideologia dos cientistas do momento. A psicanálise sempre é revulsiva aos reducionismos de todo tipo e, particularmente, ao justificacionismo naturalista pão nosso de cada dia fármaco-psicológico, neurocientista de quinta categoria e político embrutecido. É ele quem recusa o sujeito do inconsciente, o desejo, ou, se preferimos lembrar os termos freudianos, o desejo sexual e infantil. Mas, você disse problemas dos psicanalistas? É, sim, por que não? Não é difícil vermos alguns colegas – contemporâneos tanto a Freud quanto a nós mesmos – endossarem certo justificacionismo naturalista, em particular quando se trata, por exemplo, de questões de sociedade.

SIG - A CULTURA EM QUE ESTAMOS INSERIDOS TEM PASSADO POR GRANDES REVOLTAS, TRANSFORMANDO CONCEITOS QUE ERAM TIDOS COMO PILARES SOCIAIS, OS MODOS DE ESTABELECEER RELAÇÕES, AS FORMAS DE AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO, ENTRE OUTRAS COISAS. QUAIS SERIAM AS VOLTAS NECESSÁRIAS NA EDUCAÇÃO PARA SUSTENTAR OS SUJEITOS DESTA ERA PÓS-MODERNA E COMO A PSICANÁLISE PODERIA CONTRIBUIR COM A EDUCAÇÃO?

Lajonquière - Quais seriam as voltas necessárias na educação? A pergunta pressupõe talvez que a educação deveria mudar para acompanhar certas transformações sociais. Pois é, essa é a ideia hegemônica que precisamente eu me dedico a analisar há mais de uma década. Essa ideia vai ao encontro de qualquer esclarecimento possível graças à psicanálise. Não há uma educação para cada época histórica. Isso não quer dizer, porém, que em cada momento os chamados adultos não se endereçam às crianças e aos jovens – isto é, lhes falam – de formas diferentes, animados por ideias tanto de época quanto um pouco fora de moda. A psicanálise possibilita descortinar aquilo que de fato está em pauta na educação para além de toda elucubração e particularismo pedagógico. Educar é filiar, ou seja, é transmitir marcas de pertencimento ou de pertença que possibilitarão à criança conquistar para si um lugar, um lugar de palavra, numa história sempre em curso. É, por isso, por exemplo, que posso falar em termos de educação primordial, dos primeiros tempos, daqueles fundadores da emergência do sujeito numa criança. E, mais ainda, em educação escolar, aquela encarregada de lançar a criança para o espaço público, ao laço social outro que aquele familiar e, portanto, onde aninha uma inquietante estraneidade. Precisamente, a ilusão pedagógica de moda pela qual pais e educadores estão hoje tomados é aquela de banir a estraneidade, ou seja, uma das figuras da castração, sob o mote de que agora tudo seria diferente. Semelhante intuito só pode tornar as coisas para as crianças e jovens mais difíceis que já a vida o é por si mesma, pois as lança em

ENTREVISTA

uma espécie de orfandade ou, se preferirmos lembrar o Lacan das Duas Notas, contra um desejo anônimo. Mas, bem, essa é a miséria neurótica da atualidade.

SIG - NO LIVRO *FIGURAS DO INFANTIL* (2009), VOCÊ TRATA DOS DESTINOS POSSÍVEIS DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA NA PÓS-MODERNIDADE. GOSTARÍAMOS DE ESCUTÁ-LO SOBRE O QUE NOMEIAS COMO SENTIMENTO DE INFÂNCIA E QUAIS SERIAM ESSAS VICISSITUDES?

Lajonquière - Eu recupero o termo *sentimento de infância*, cunhado há mais de meio século pelo historiador francês das mentalidades, Philippe Ariès, no intuito de assinalar que nos tempos modernos tinha precipitado no laço social uma forma nova de se endereçar às crianças. Isso foi e ainda é lido, por não poucos, como sendo a tese de que antes não se amava, ou se dava atenção às crianças e que, ao contrário, agora sim. No entanto, a meu ver, trata-se, precisamente, de outra forma diferente de se educar as crianças, de esperar por elas, atrelada à experiência da temporalidade, à forma de gestar o futuro que precisamente acabou descortinando os tempos modernos. O sentimento moderno de infância implica em uma relação moebiana entre o estrangeiro e o familiar no interior do laço social. O resultado do corte dessa banda produz a figura do selvagem. Não por acaso, ele, um personagem recorrente na modernidade, que vem no lugar do bárbaro com relação ao mundo grego. Hoje em dia, produzimos ainda a figura do extraterrestre. Assim, as crianças e jovens escorregam com facilidade do lugar do estrangeiro/familiar para os lugares, seja do selvagem ou do extraterrestre. Como eu afirmo no livro, essas duas figuras são a-educativas por definição, ou seja, quando o adulto que se endereça à criança é habitado no fantasma por uma ou outra figura, a palavra educativa é abortada e, portanto, as condições de uma educação se desmancham no ar, confrontando a criança de forma brutal contra o real do tempo. Daí as crianças nos jogarem na cara o retorno no real do que nada queremos saber para o nosso desconforto, mas também para o sofrimento delas.

SIG - DA MESMA FORMA QUE OS DESTINOS DO INFANTIL PASSARAM POR ALTERAÇÕES, AS TÉCNICAS DE CONCEPÇÃO E PROcriação TAMBÉM MUDARAM SIGNIFICATIVAMENTE NAS ÚLTIMAS DÉCADAS. PODERIA NOS CONTAR COMO ESTÁ O CENÁRIO EM OUTROS PAÍSES? QUAIS OS PONTOS QUE VOCÊ VEM DESENVOLVENDO SOBRE ESSE TEMA EM SUAS PESQUISAS NA FRANÇA?

Talvez seja o caso de começar pelo fim e aproveitar para esclarecer que eu participo de discussões acadêmicas em três países que possuem histórias e línguas nacionais diferentes: o Brasil, a Argentina e a França. Eu tiro proveito dessa passagem de línguas e fronteiras, ou seja, além dos particularismos das discussões, eu me deixo trabalhar tanto pela tradução quanto falta da mesma não só entre as línguas – isso seria o de menos – mas também entre as formas que cada nação tem de lidar com aquilo que escapa ao laço social – o sexual infantil. Justamente, *Figuras do Infantil* foi escrito em português, mas estando em Paris e vendo pelo retrovisor a Argentina dos sessenta, aquela que não existe mais, aquela de meu tempo de infância.

Mas vamos à questão das técnicas de procriação. Elas são mais ou menos as mesmas aqui e lá, aliás, todas colocadas a ponto nos países do norte. Creio que a sua pergunta não aponta nessa direção. Evidentemente, há diferenças de legisla-

ção e de condições legais e financeiras de acesso. Num país como a França, onde acesso à saúde é quase totalmente gerenciado pelo financiamento indireto do Estado, a procriação medicalmente assistida – esta seria a tradução literal do termo francês – é enquadrada legalmente. De fato, não poucas situações que ocorrem no Brasil são tanto ilegais quanto impossibilitadas de acontecerem de fato em território francês.

No Brasil, há uma espécie de limbo jurídico que pode parecer supérfluo, mas que obviamente não é sem consequências, sobre o qual se destaca a conhecida situação nacional: quem tem dinheiro paga por aquilo que lhe dá na telha, enquanto aquele que não tem “entra na fila”, se é que, por ventura, a “técnica” estiver disponível. Bom, nestes tempos de marketing, isso pode parecer banal, mas esquece-se de que se trata de saúde e mais ainda de fazer nascer a geração seguinte de seres humanos. Trata-se de uma questão de relevo para política, ou seja, da sorte e dos destinos da *polis*, do laço social. Eu não estou propondo nenhuma lei. O que eu estou apontando é que me intriga como analista constatar que na dita agenda política nacional isto nunca entra na ordem do dia. Não há no Brasil nenhum enquadramento legal votado pelo Congresso Nacional em matéria de direito de família e reprodução assistida.

No entanto, o que está hipocritamente sempre vigente é a lei que proíbe o aborto quando, no entanto, hoje é sabido que não há “ajuda à procriação” que não implique aborto como pano de fundo. Depois de tudo, o que é a dita redução embrionária? E nem entro em detalhe do voto eugênico embutido na escolha do bom embrião. Por outro lado, tampouco há alguma alteração dos princípios de filiação, embora não sejam poucas as crianças “adotadas” por casais homossexuais. Disto nada se quer saber e, assim, empurramos com a barriga conforme a iniciativa de juízes que, não raro, pretendem fazer jurisprudência a todo custo. Justamente, mais um gesto de tentar esvaziar o estatuto político da discussão quando de famílias e crianças se trata, perfilando-se assim no horizonte do homem comum a ideia de que então se trataria de simples tecnicismos doutorais. Mas, bem, isso não nos surpreenderia. Este gesto está em consonância com aquele outro de nos recusarmos olhar para trás. E só ver os descaminhos da Comissão da Verdade, tendo já se passado mais de trinta anos do fim da ditadura militar.